

Uma adolescente, um psiquiatra e  
o encontro com a vida e a morte

# A garota do **viaduto**

---



---

Diego Mello

romance







© Jaguatirica, 2019

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou armazenada, por quaisquer meios, sem a autorização prévia e por escrito da editora e do autor.

*editora* Paula Cajaty  
*revisão* Inês Carreira  
*imagem de capa* Shutterstock  
*projeto gráfico* 54 Design

ISBN 978-85-5662-238-9  
e-ISBN 978-85-5662-239-6

**JAGUATIRICA**

av. Rio Branco, 185, sala 1012, Centro  
20040-007 Rio de Janeiro RJ  
tel. [21] 4141 5145  
jaguatiricadigital@gmail.com  
editorajaguatirica.com.br

*Dedico este livro a todas as garotas  
dos viadutos que, espalhadas por todos  
os cantos deste mundo, carregam a  
esperança e a força necessárias para não  
sucumbirem às suas próprias dores.*



## *Agradecimentos*

*A minha esposa, Débora, fonte de amor,  
companheirismo e inspiração diária.*

*A minha filhinha, Laís, que me mostra  
a cada dia como o amor é muito mais do  
que eu poderia imaginar.*

*A minha mãe, Meri, pela essência que  
carrego comigo em todo lugar que vou.*

*Ao meu pai, Isaías, pela coragem de  
enfrentar a morte e me possibilitar uma  
nova forma de enxergar a vida.*

*A minha cunhada, Natália, que acreditou  
desde o início que a ideia de publicar esta  
história poderia dar certo.*

*Aos meus amigos, Jivago, Nathalia e  
Otávio, que me ensinam diariamente o  
verdadeiro valor de uma grande amizade.*

*À Editora Jaguatirica, em especial à  
editora Paula Cajaty, pelo carinho,  
atenção e comprometimento que dedicou,  
incansavelmente, para o nascimento  
deste livro.*

*A Deus, por tornar tudo isso possível.*



# Sumário

Prefácio	CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 1	CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 2	CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 3	CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 4	CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 5	CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 6	CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 7	CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 8	CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 9	CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 10	CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 11	CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 12	CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 13	CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 14	CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 15	CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 16	CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 17	CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 18	
CAPÍTULO 19	
CAPÍTULO 20	
CAPÍTULO 21	



## Prefácio



*O trem que chega é o mesmo trem da partida.*

*A hora do encontro é também de despedida*

*A plataforma desta estação é a vida...*

*Encontros e despedidas, Milton Nascimento.*

E ASSIM QUE, ENQUANTO DIEGO CHEGAVA, seu pai partia. A experiência com a morte se fez experimentar cedo, permeou até os ossos; tornou-se íntima, tão íntima que, numa inconsciência profunda, nem mais era possível reconhecer suas marcas e sintomas. Mas era de lá, do fundo dos ossos, que a vida brotava com força.

Este livro repleto de vida e de caminhos inusitados, é uma redenção. É o coroamento ao fim de uma jornada guiada pelos encantos insuspeitos da morte. É um livro que provoca riso e choro, gerando uma experiência empática, convidando cada personagem coadjuvante a protagonizar uma cena – à semelhança de Crime e Castigo (Fiódor Dostoiévski, 1866), criando uma atmosfera em que o pequeno torna-se o grande, tal como acontece no consultório psiquiátrico, onde cada paciente que entra é o protagonista daquela hora. O ator principal no palco da sua vida. A luz é para o paciente.

A ideia do livro começou com esta pequena claridade na alma do autor sobre suas experiências pessoais, sendo o consultório também fonte inesgotável de inspiração e ampliação para o escrever. Pois, tanto como protagonista ou coadjuvante, entramos em contato com o medo, a perda e também com a leveza e o amor. Sombra e luz enriquecendo a alma.

Algumas características marcantes do autor, como a tenacidade, a garra e a excelência no fazer, lembram-nos os mais resilientes. Poderemos senti-las um pouco em cada personagem.

Uma outra qualidade arquetípica em grandes terapeutas, se faz compreender melhor ao investigar o mito de Quíron

– o curador ferido – aquele que entende o sofrimento do outro com compaixão por carregar em sua história também grandes dores. Quíron vive nestas páginas, em cada personagem, e será reconhecido por cada um que as lerem.

E o que dizer do humor? Ah, esse humor perspicaz e inteligente, que salva em situações mais densas, que faz das situações cotidianas verdadeiras cenas cômicas e surpreendentes, foi herdado de pai e mãe, refinado pelo rebento e orquestrado agora nesta obra com incrível dose de criatividade!

Ao leitor, desejo uma leitura recheada de reflexões e encontros verdadeiros com seus medos, para que eles diminuam à luz do seu olhar. E, para que a alquimia do bem viver cresça, acrescentar umas boas risadas é indispensável.

Escolha um bom lugar dentro de si e aproveite.

— Eva Adriane G. Mello

Psicóloga Clínica

Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Formação Básica em Antroposofia

Psicoterapia Antroposófica

*Somatic Experience* – SE

Terapeuta *Ayurveda* (em andamento)

***Viaduto***<sup>1</sup>

*vi.a.du.to*

*Nome masculino*

- 1.Ponte sobre um vale seco ou com uma linha de água de pequena importância;*
- 2.Ponte sobre uma via de comunicação;*
- 3.Passagem construída sobre uma rua ou estrada para trânsito de comboios.*

*Do latim via (caminho) + ductu (ação de conduzir)*

1 Fonte: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/viaduto>



## CAPÍTULO 1



*“Talvez esse seja o cheiro da morte, grandão. Nunca pensei que ela cheirasse tão mal”.*

A CHUVA HAVIA VOLTADO A CAIR NAQUELE INÍCIO de tarde e era possível enxergar clarões no céu que apareciam seguidos do som intenso de alguns relâmpagos. O vento derrubava os *banners* de lojas sobre as calçadas e apagava os semáforos confundindo o trânsito. A cidade de *Teza* era frequentemente acometida por tornados devido a chegada de frentes frias e de sua proximidade com regiões de massas de ar quentes e instáveis do extremo sul do continente de *Vidah*.

Clara seguia alheia ao que acontecia à sua volta. A verdadeira tempestade formava-se dentro dela e era desse turbilhão de emoções que ela tentava se proteger. Demorou alguns minutos para perceber que seu corpo estava encharcado pela chuva que havia aumentado em intensidade nos últimos minutos.

Parou em frente a um pequeno mercado que servia refeições aos trabalhadores das redondezas. O cheiro de frango assado penetrou em suas narinas fazendo cócegas em seu estômago. Já se passavam das três da tarde e a fome apenas não encontrava um espaço maior dentro de si por que era dividida com sua tristeza.

Procurou algo nos bolsos que pudesse ser trocado por um prato de comida. Encontrou apenas alguns papéis amassados e comprimidos que havia escondido, fingindo tomá-los no período em que esteve internada na clínica.

Jogou tudo em uma lixeira em frente ao *Bazar, Comidas e Bugigangas* e entrou, decidida a tentar a sorte.

— Boa tarde — disse Gônada, a senhora obesa com pelos espalhados no rosto que atendia atrás do balcão.

Sua pele era lisa e oleosa e seus cabelos aparentavam não

terem sido lavados nas últimas semanas.

— O que você deseja, garota? — perguntou ela.

Clara olhava para uma grande quantidade de comida através dos vidros embaçados que, pelo calor, deixavam os alimentos com uma visão menos apetitosa. O cheiro de frango assado espalhava-se pelo lugar fazendo com que sua fome aumentasse desproporcionalmente.

— Temos frango assado, salada de batatas, arroz à grega e *iurquipe* como prato do dia — disse Gônada com os dedos engravatados pela coxa de frango que repousava sobre uma gamela à sua frente.

Clara era apaixonada por *iurquipe*. Ela e o pai costumavam fazer todo o final do mês quando ficavam sozinhos em casa pelos compromissos de trabalho da mãe. Era uma comida prática e de rápido preparo feita com farinha de trigo, água, sal e manteiga. Misturava-se à massa, parmesão ralado e pequenos pedaços de alho-poró fritando tudo em formato de bolinhos até dourar bem.

Além de ser seu prato favorito, as memórias relacionadas ao preparo, que tinham uma conexão estreita com sua relação com o pai, tornavam o *iurquipe* um prato único e especial para Clara.

— Preciso comer algo, mas não tenho dinheiro — disse ela sentindo-se humilhada pela fome.

Gônada, que além de atendente era dona do armazém, olhou para Clara com expressão de fúria. Soltou alguns grunhidos após ouvir que ela não tinha dinheiro e saiu de trás do balcão. A grandona odiava ser interrompida durante as refeições e, se o motivo fosse algum cliente querendo comprar fiado, seu humor piorava ainda mais.

— A garota por acaso está tentando dar uma de esperta para cima de mim? — disse ela se aproximando de Clara.

Ficou ainda mais evidente a grande verruga que a gorducha trazia presa na base de seu nariz quando ela quase tocou a enorme barriga no corpo de Clara.

— Falo a verdade. Tenho fome, mas não tenho dinheiro.

— Sem dinheiro, sem comida. Fora daqui! — gritou a

gordona dando um encontrão em Clara que caiu próxima à porta de entrada.

Algumas pessoas que estavam no bazar olharam para as duas, cochicharam algo que não foi possível ouvir e seguiram escolhendo seus produtos como se nada tivesse acontecido. Um senhor de aparência excêntrica com os cabelos compridos presos em um rabo de cavalo e cavanhaque grisalho, porém, se aproximou do balcão. Vestia um casaco preto que cobria toda a extensão de seu corpo até a altura das canelas. Escolhia uma garrafa de água sanitária no exato momento em que foi despertado pela discussão.

— Deixe a garota escolher o que ela quiser — disse ele se aproximando de Gônada que havia voltado para trás do balcão e mordida com raiva sua coxa de frango. — Eu pago.

— Primeiro mostre o dinheiro — disse a dona do armazém que estava cada vez mais incomodada com as interrupções de sua refeição.

Ela não parecia nem um pouco intimidada com a aproximação daquele estranho.

O homem olhou para Clara que havia se levantado do chão e seguia imóvel em frente à porta de entrada observando tudo. Algo lhe dizia para permanecer ali, mas suspeitava ser muito mais pela fome do que por qualquer outro motivo.

— Antes de eu lhe pagar — disse o senhor cuspidando no chão e esfregando a saliva com a sola de sua bota suja de barro —, peça desculpa à garota. Não é nada elegante empurrar uma menina assim desta forma — disse ele balançando a cabeça de forma negativa.

Os poucos dentes que trazia dentro da boca ficaram ainda mais evidentes à medida que falava.

— Pedir desculpas? — perguntou Gônada de forma irônica soltando uma enorme gargalhada. — Para o inferno com suas desculpas!

O senhor olhou para Clara que seguia no mesmo lugar. Não havia movimentado um milímetro de sua posição inicial e quem olhasse rapidamente para ela duvidaria inclusive que estivesse

respirando. Sua atenção era toda direcionada para a conversa dos dois torcendo para que o desfecho fosse favorável a ela.

Os clientes observavam de longe assustados com o tom mais agressivo da discussão e, em sua grande maioria, haviam interrompido as compras pelo interesse que toda a situação lhes trazia.

— Não é fácil. Indubitavelmente, não é — disse o senhor que parecia falar sozinho.

Seu olhar perdia-se por entre as prateleiras repletas de produtos do gênero alimentício como se procurasse respostas para as perguntas que parecia se fazer em silêncio.

Clara surpreendeu-se pelo linguajar daquele senhor que não demonstrava, nem de longe, ter algum grau de instrução por sua aparência descuidada e pelo cheiro de mofo que exalava de suas roupas encardidas.

O homem secou o suor que vertia de suas mãos nas laterais das calças e apontou o dedo indicador para Clara fazendo o trajeto com o mesmo em direção ao balcão onde as comidas seguiam aquecidas no interior do vidro embaçado.

— Ei, garota — disse ele. — Escolha o que você quer comer.

Clara olhou para Gônada. A dona do bazar cuspiu fogo pelas entranhas, tamanha era sua raiva com a audácia daquele velho insolente. Seu corpo avantajado associado à expressão de ódio em sua fisionomia faria qualquer um pensar que ela seria capaz de matar um boi com os próprios punhos se, por acaso, o animal cruzasse inadvertidamente o seu caminho.

— O prato do dia, senhor, com uma porção generosa de *iurquipe* — disse Clara sorrindo.

— A senhora ouviu a menina, madame — disse ele com expressão séria. — Sirva-a.

Gônada olhava para os lados como se esperasse alguém surgir do nada com um microfone e uma câmera escondida em mãos confirmando que ela estaria participando de um programa de televisão que, naquela tarde em especial, debatia com especialistas sobre as diversas faces do sistema capitalista e que em função da proprietária do estabelecimento comercial

ter mantido a postura correta diante disso (ou seja, sem remuneração, sem produto ou serviço prestado) a emissora pagaria o prato para a garota e tudo o mais e todos sairiam de lá felizes.

Porém, depois de esperar alguns minutos sem ninguém aparecer e corroborar suas suspeitas, Gônada resolveu agir.

— Você não escutou o que eu disse, seu velho miserável? — perguntou ela inflando os peitos que mesmo murchos intimidariam qualquer lutador de sumô profissional.

O homem transbordava tranquilidade por todos os poros de sua encardida pele e Clara pensou que ele pudesse ser um monge ou algo que o valha, mas Gônada não estava nem um pouco preocupada com isso. A gorducha estava determinada a pulverizar a existência daquele ser humano deste planeta.

— Paguem agora ou eu chamarei a polícia — disse ela em tom ameaçador.

Houve um movimento discreto de alguns clientes após Gônada ter falado em polícia. Uns devolveram as mercadorias sobre as prateleiras e saíram com a cabeça baixa. Outros correram para o fundo da loja como fossem suspeitos de algo. E alguns torciam para Clara esperando pelo final da história.

O homem olhou mais uma vez para Clara, porém agora sua expressão estava mais para um pedido de desculpas do que qualquer outra coisa. Balançou a cabeça de forma negativa mais uma vez olhando para o chão encardido do armazém e levou a mão direita ao interior do casaco retirando uma escopeta prateada de cano duplo que reluziu com o brilho das escassas lâmpadas acesas do lugar.

Uma gritaria se ouviu assim que os clientes perceberam que o homem estava armado. Corriam de forma desordenada derrubando prateleiras e se atirando no chão como se estivessem enxergando a própria morte em carne e osso.

— Aqui está o seu dinheiro, sua desgraçada! — disse ele apertando o gatilho da escopeta em direção à cabeça de Gônada.

Por um instante o tempo parou para Clara. Em nenhum momento ela havia sentido medo ou pensado em fugir dali.

Ao contrário, seu sentimento era de um imenso prazer com relação a tudo o que acontecia. Sentia-se estranhamente valorizada com a atitude daquele estranho. Um sentimento que há muito tempo havia se perdido dentro dela.

O barulho do disparo de uma arma de fogo que Clara costumava ouvir em filmes em nada lembrou com o que escutou no armazém. O som fora tão mais intenso e tão mais violento que ela ficou com a sensação que seus dois tímpanos haviam estourado com o estrondo.

Percebeu a trajetória da bala desde sua saída do cano duplo da escopeta calibre doze até alcançar o osso maxilar direito de Gônada como se as imagens se processassem em uma ultra câmera lenta. A fumaça que saiu por detrás da cápsula dourada, a pólvora que se espalhou por alguns centímetros em frente ao rosto do homem, a maneira como o projétil atingiu a face de Gônada perfurando primeiro sua pele para depois espalhar-se por sua musculatura e ossos da maxila e, por fim, seu corpo que desabou sobre o chão gelado de concreto assim que os estilhaços de metal atingiram sua massa encefálica terminando de forma instantânea com sua vida.

O sangue espalhava-se pelo chão com alguns fragmentos do interior do corpo de Gônada que Clara desconhecia por completo. Seus sentidos apenas retornaram quando o homem tocou em seu ombro em meio ao pânico generalizado estabelecido dentro do armazém.

— Tome, garota — disse ele com esguichos de sangue no rosto entregando à Clara o prato do dia. — Me perdoe. Não consegui encontrar talheres em meio a toda essa bagunça — disse ele indiferente a toda a situação.

Clara chorou. Simplesmente não conseguiu controlar. Identificava-se com aquele desconhecido e algo a fazia sentir que os dois eram, emocionalmente, muito semelhantes.

— Não deixe em hipótese alguma lhe tratarem desta forma novamente — disse ele que seguia calmo em meio ao caos. — Nenhuma pessoa neste mundo desgraçado merece ser desprezada por outra. Me prometa que nunca mais deixará isso acontecer.

— Eu pro.. me... to... — disse Clara sem conseguir articular direito as palavras.

Mal conseguia segurar o prato de comida nas mãos que tremiam de forma descontrolada.

— Foi um prazer lhe conhecer. Você é uma garota de fibra. E hoje em dia não são muitas que se encontram por aí — disse ele retornando para pegar a água sanitária antes de desaparecer pela porta dos fundos.

— O pra... zer... foi... meu... — disse Clara que não conseguia parar de chorar.

Pegou a sobrecoxa com a ponta dos dedos e a mordeu com tanta vontade que nem a poça de sangue ao redor do corpo de Gônada pareceu lhe incomodar. A gordura dourada da pele do frango se misturava ao gosto de suas lágrimas em uma explosão de sabores dentro de sua boca. Clara estava, mesmo que apenas por um momento, em paz.

Saiu do armazém e caminhou em sentido contrário ao movimento dos curiosos que tentavam entender o estrondo de minutos atrás. Era possível escutar ao longe sirenes de polícia e ambulâncias se direcionando para o local.

— Por *Cristo*, nosso *Senhor*. Está acabando o mundo? — perguntou um homem de cabelos curtos e molhados que vestia uma batina preta.

Havia parado ao lado de Clara que seguia concentrada em seu último pedaço de *iurquipe* e ergueu a cabeça apenas quando terminou de comer.

— Foi uma senhora que levou um tiro logo ali atrás.

— Valha-me, *Jesus*! Esses pecadores não respeitam nem as mulheres mais nesta cidade — disse o homem fazendo o sinal da cruz em frente ao rosto.

Clara fingiu não escutar. Estava exausta por ter caminhado boa parte do dia e seu estômago, repleto de comida, a deixava ainda mais preguiçosa.

— E você está bem, menina?

— Não estou, mas obrigada por perguntar.

O homem ficou espantado com a sinceridade de Clara. Não

era comum alguém falar de forma tão espontânea assim sobre um sentimento negativo.

— Eu posso lhe ajudar — disse ele estendendo a mão direita em direção a cabeça de Clara.

— Ah, é? Pode? — perguntou ela de forma irônica.

— Claro. Me diga apenas do que precisa.

Clara sorriu. A ingenuidade daquele senhor parecia beirar a loucura completa. Acreditar que seria possível receber algo que se precisa assim como em um passe de mágica era, para dizer o mínimo, uma insanidade mental grave.

— Está bem. Já que o senhor insiste... — disse ela colocando o prato plástico dentro de um container de lixo. — Preciso de uma razão para viver. O senhor teria alguma sobrando aí no bolso de sua batina? — perguntou ela de forma provocativa olhando nos olhos daquele homem que ficava cada vez mais espantado com o que acontecia naquela tarde.

— *Jesus* é o caminho, minha filha. Ele está sempre disposto a nos ajudar.

Clara sorriu outra vez. Se havia algo em que ela não acreditava era em religião. Nunca a fé havia feito nada por ela. Ao contrário, via pessoas com crenças inabaláveis serem dizimadas por doenças e calamidades sociais, naturais e de todos os tipos. A sua vida, que piorava a cada dia, não era auxiliada em nada por interferência divina.

Pelo menos era isso em que ela acreditava.

— A tentativa foi válida. Agradeço sua disponibilidade de qualquer forma — disse Clara saindo dali.

— *Jesus* pode mudar sua vida! — gritou o senhor vestido de padre em sua última esperança de tentar convencê-la.

Mas Clara deu de ombros. Estava preocupada com questões bem mais importantes. Voltava a ser dominada pela sensação de que sua vida não tinha valor algum. Seguia disposta a entregar-se, enfim, a essa força maior de não-existência que corroía sua alma acreditando que nada poderia ser feito para contê-la.

E foi aí que algo aconteceu.

## CAPÍTULO 2



CINCO E QUARENTA TOCOU O DESPERTADOR no quarto onde o Dr. Vilmes dormia. Após a morte da mãe, há quase dois anos, ele havia trocado a mobília do lugar e reformado alguns cômodos para tentar seguir morando na casa de dona Evaneide sem tantas lembranças dolorosas. Aquela manhã de sexta-feira seria um pouco diferente das demais. Estava decidido a mudar de vida. Fazia mais de dez anos do divórcio com Maria Lucia e, desde então, ele havia se desleixado muito com relação a sua saúde.

Sofria com dores pelo corpo, seus níveis de colesterol estavam nas alturas e seu intestino funcionava de mal a pior. Seus quase cem quilos castigavam suas articulações e uma simples caminhada mais longa tornava-se uma tortura. Levava dias para conseguir evacuar, em razão de sua dieta desregrada que lentificava ainda mais sua motilidade intestinal, e quando conseguia as dores eram tão intensas que seu períneo parecia se partir em dois.

Encontrou um par de tênis no fundo do armário não lembrando da última vez que tinha usado esse tipo de calçado. Calçou-os com bastante dificuldade pelo abdômen proeminente formado durante todos esses anos de sedentarismo. Era bem mais fácil usar seus sapatos sociais sem cadarços.

Olhou para a pilha de camisetas dobradas no guarda-roupas tentando encontrar alguma mais adequada para atividade física. Passou a mão na que havia ganho da ex-esposa em seu aniversário de cinquenta anos que trazia estampada a imagem do vocalista do *Queen*, uma banda de rock dos anos setenta que ele mal conhecia. Apenas gostava do conforto da malha de *elastano* da blusa. Vestiu uma calça de abrigo e uma jaqueta de moletom e saiu em direção à rua para começar sua nova vida.

Respirou o ar puro daquela manhã gelada de inverno apreciando o contato do mesmo com seus pulmões e decidiu iniciar uma leve corrida. As árvores balançavam com o vento e o barulho das folhas secas lhe trouxe uma sensação de paz.

Após alguns minutos de movimento, sentiu um leve desconforto na região do tórax que julgou ser consequência dos anos consumidos pelo ócio e decidiu diminuir o ritmo. Não aceitava a possibilidade de ter que desistir assim tão cedo.

Acelerou novamente o passo assim que a dor diminuiu recomeçando a correr. Sua pulsação estava mais acelerada e era possível perceber as batidas de seu coração em locais não tão usuais como ao redor do seu pescoço e nos tímpanos.

Estava próximo à praça *Arpuro*, cercada por diversos tipos de árvores e lagos naturais, quando uma dor aguda surgiu em ambos os lados do abdômen. Lembrou de um antigo professor de patologia dos tempos da faculdade de medicina que costumava dizer que o “*baço pagava pela preguiça*”. Segundo ele, a dor nos flancos durante a atividade física se dava pela falta de oxigenação na cauda do baço e a sensação, do lado contrário, era justificada por uma dor irradiada. Nunca acreditou muito nesta teoria, mas naquele momento ela parecia fazer bastante sentido.

Cruzou por um aluno, dos tempos em que dava aulas de psiquiatria na universidade, que corria acompanhado da esposa.

— Bom dia, professor. Respire devagar e não force muito. O senhor parece cansado — disse ele que aparentava ser um maratonista profissional.

— Está... tudo... sob... controle..., meu... caro — disse ele precisando fazer cinco pausas para respirar e conseguir terminar a frase.

— Bom revê-lo. Cuide-se — disse o jovem que havia perdido a esposa de vista por ter diminuído o ritmo das passadas com a conversa.

Após vinte minutos de atividade física o Dr. Vilmes percebeu que algo de fato não estava bem. Começou a sentir um grande desconforto nas pernas associado a dores em pontadas acompanhadas de um formigamento estranho como se houvesse sido mordido por algum animal peçonhento. Não se julgava capaz de avaliar o que acontecia ao seu redor e seu pensamento nitidamente começava a falhar.

Foi apenas quando sentiu uma forte pancada no rosto, em decorrência do contato do mesmo com o solo, que percebeu o que tinha acontecido.

“Ajudem aqui!” — gritaram algumas pessoas.

“Liguem para uma ambulância!” — disse outra voz.

Seu corpo estava estirado no chão e seu aparelho motor não mais lhe obedecia. Ouvia vozes ao redor que comentavam sobre a possível gravidade da situação, enxergava vultos que se aglomeravam próximos a ele e sentia cheiro de pipoca. Acreditou que um tumor cerebral, que alterava o seu centro olfatório, poderia ser a causa do mal-estar quando percebeu que estava caído ao lado do pipoqueiro da praça.

“Fique tranquilo, Dr. Vilmes. A ajuda está a caminho” — disse uma voz que lhe soou familiar.

Tentou relacionar o som a imagem de alguém, mas nada surgiu. As dores pelo corpo lhe impossibilitavam de pensar.

Conseguiu, apenas, permanecer deitado com os olhos apontando para o céu e ambas as mãos entrelaçadas ao redor do tórax. As nuvens se movimentavam mais devagar que o habitual e estavam especialmente brancas naquela manhã. Chegou a pensar que estivesse morto uma vez que a dor se esvaíra por completo e uma paz gigantesca preencheu seu espírito.

E esta foi a última sensação que sentiu antes de sua consciência se apagar por completo.

\*\*\*

Demorou ainda mais seis horas para o Dr. Vilmes voltar completamente a si. A primeira sensação que surgiu ao recobrar a consciência foi a de um grande desconforto no nariz pela sonda conectada ao mesmo que servia para alimentá-lo. Sua cabeça estava a ponto de explodir tamanha era a dor que se instalou assim que suas pálpebras se descolaram uma da outra. Era bem possível acreditar, se alguém lhe dissesse, que ele havia caído de um trem em movimento pelos espasmos generalizados que sentia em sua musculatura.

Olhou ao redor da cama onde seu corpo repousava.

Aparelhos apitavam acima de sua cabeça e seus braços conectavam-se a cânulas que desembocavam em uma infinidade de soluções isotônicas elevadas em tripés de alumínio.

Tentou movimentar o quadril sobre o leito, mas suas costas doíam tanto que ele chegou a pensar que sua coluna estivesse quebrada. Deslocou o corpo com algum esforço para o lado direito quando levou um sobressalto.

— Foi apenas um susto, doutor. O senhor vai ficar bem — disse Linda sentada na poltrona ao lado de sua cama.

Ela estava vestida com roupas de ginástica e a cor laranja de seu tênis brilhava com o sol que entrava pela janela.

— Linda? — perguntou ele sentindo os lábios secos pela desidratação. — O que você faz aqui?

— Não gostaria de saber primeiro o que você faz aqui? — disse ela, sorrindo.

Seu sorriso era ingênuo e encantador que fazia o Dr. Vilmes se perguntar como era possível alguém conseguir sorrir daquela forma.

Passou a língua sobre os lábios tentando diminuir o ressecamento, sem sucesso.

— Fique calmo — prosseguiu ela. — Você exagerou um pouco na dose. Seu coração ficou sobrecarregado e acabou não conseguindo oxigenar de forma satisfatória alguns tecidos importantes de seu corpo como o cérebro. Você ficou um bom tempo desacordado, mas todo o protocolo de atendimento clínico e cirúrgico foi cumprido. Os médicos ainda aguardam alguns exames para liberá-lo para casa — disse Linda demonstrando algum conhecimento na área.

A cabeça do Dr. Vilmes não parava de girar. *Coração sobrecarregado? Protocolo clínico e cirúrgico?* Apenas imaginar a possibilidade de ter estado tão perto da morte lhe causou náuseas. *E Linda? O que fazia ali?*

Pensou em questionar sobre os detalhes do ocorrido, mas curiosamente estava mais preocupado com as razões do afastamento dela do tratamento, após três rápidos encontros, do que com sua situação de saúde. Porém, receava que qualquer

tipo de emoção pudesse prejudicar o seu coração ainda mais e preferiu ficar com a boca fechada.

— Bom dia, Dr. Vilmes. Como tem passado? — perguntou o Dr. Calígula, médico responsável por seu caso, que havia acabado de entrar no quarto.

— Estou vivo. É o que importa — disse ele não conseguindo se desfazer da ideia de que a morte esteve lhe rondando.

— Sem dúvida, caro colega. A vida sempre é o mais importante. Foi uma batalha generosa que travamos hoje contra a *sanguinária* — disse ele se referindo, ao que tudo indicava, a morte. — Poderíamos não estar tendo essa conversa agora.

— Quantas coisas poderíamos não estar fazendo neste exato momento, nobre colega — disse ele de forma irônica.

O Dr. Calígula deu um sorriso amarelo para Linda que balançou a cabeça dando a entender que era melhor deixar para lá.

— Vi que o senhor teve o prazer de conhecer nossa residente do segundo ano — disse o Dr. Calígula apontando para Linda.

— Não estou aqui a trabalho — disse ela corando as bochechas.

O Dr. Vilmes fez uma cara de espanto com o que ouviu. Não imaginou que Linda fosse médica até porque nas poucas sessões que teve com ela nada havia sido falado sobre sua profissão.

— Precisaremos tomar algumas medidas preventivas assim que o colega retornar para casa. Mandarei um nutricionista vir conversar com o senhor ainda hoje. Um fisioterapeuta irá lhe ajudar com um plano de exercícios que realizaremos nos próximos dias.

O Dr. Vilmes olhava para o teto dando a impressão de não estar interessado em nenhuma palavra que o Dr. Calígula falava.

— Uma anemia pronunciada — prosseguiu ele sem dar muita importância ao interesse de seu interlocutor — associada a uma sobrecarga cardíaca pela atividade extenuante parece ter sido a causa de seu mal-estar. Realizamos alguns exames diagnósticos de imagem onde encontramos uma grande massa em seu cólon direito que foi retirada com a cirurgia.

O Dr. Vilmes instantaneamente levantou os lençóis que cobriam seu corpo encontrando a cicatriz e os vinte e dois pontos em seu abdômen.

— Por *Deus*, nosso *Senhor Jesus Cristo*... O que vocês fizeram comigo? — perguntou ele assoberbado com as atualizações sobre a sua saúde.

— A tomografia de abdômen — prosseguiu o Dr. Calígula como se não houvesse sido feita uma pergunta a ele — mostrou pontos espalhados e difusos na membrana que envolve sua cavidade abdominal e alguns em torno do órgão responsável pela maior parte da síntese e metabolização de nutrientes de seu organismo.

— O senhor pode usar termos médicos comigo, Dr. Língua — disse o Dr. Vilmes forçando os olhos para ler o nome no crachá pendurado no bolso do jaleco do colega. — É isso mesmo? Dr. Língua?

Linda não conseguiu conter a risada.

— Caso o senhor desconheça, ainda é preciso cursar medicina para ter o título em psiquiatria — disse ele que sabia exatamente como o colega se chamava.

Os dois eram velhos conhecidos dos tempos da faculdade e não se bicavam por nítida incompatibilidade de egos.

— Vejo que os comentários a seu respeito não são de todo fantasiosos — disse o Dr. Calígula referindo-se ao temperamento ácido do Dr. Vilmes. — Peço perdão ao estimado colega. É a força do hábito que pressupõe que todos os pacientes são leigos em medicina.

Tossiu algumas vezes com a mão fechada em frente ao rosto dando a impressão de ter engasgado com algo.

— Intervimos no tumor o mais rápido possível. Minha equipe está entre as melhores do país e imagino que o senhor saiba disso — disse ele voltando a falar com ar de superioridade, algo que era, por sua natureza, incontrolável. — Retiramos o que pareceu ser a lesão primária em seu cólon ascendente ressecando-a, mas não foi possível acessar o fígado nem o peritônio pelo número maior de metástases. As alças

intestinais estavam muito edemaciadas e sua hemodinâmica, àquela altura da intervenção, já não era das melhores.

Linda acompanhava a descrição do Dr. Calígula mesmo sabendo tudo sobre a doença de seu terapeuta e do que o esperava pela frente. Ela havia o encontrado caído no chão quando terminava de completar a décima segunda volta ao redor do parque, mas não imaginava o quão grave poderia ser o seu quadro até avaliar os exames.

— Desculpe interromper a conversa, mas agora que tudo está sob controle eu preciso ir — disse ela tocando nas mãos do Dr. Vilmes. — Entrarei em contato para seguirmos de onde paramos com nossa última conversa. E me desculpe por sair daquela forma — sussurrou ela em seu ouvido.

Vestiu o capuz vermelho de seu moletom de ginástica e saiu em direção à porta.

— Você foi a grande responsável, junto com minha equipe, em manter o valentão aqui com chances de sobreviver a tudo isso — disse o Dr. Calígula que estava mais interessado em cortejar sua aluna do que demonstrar algum tipo de compaixão com seu colega.

— Foi um prazer ajudar — disse ela saindo do quarto.

O Dr. Vilmes nada falou. Seguia desconfortável com o toque de Linda em suas mãos e não conseguiu evitar direcionar seus olhos para as nádegas dela, que ficavam ainda mais perfeitas envoltas pelas calças de ginástica.

O som agudo e rítmico de um bipe ecoou pelo quarto despertando o Dr. Vilmes de seus devaneios sensuais. O Dr. Calígula checou o aparelho que trazia preso à cintura dando de ombros como se não houvesse nada do seu interesse ali.

— Posso ajudá-lo com mais alguma coisa? — perguntou ele ao colega de profissão.

Um casal de pombos pousou no peitoril da janela da enfermaria, no décimo andar, fazendo um barulho esquisito. Olharam para dentro do quarto balançando suas cabeças repetidas vezes e, sem notar nada de muito interessante lá dentro, levantaram voo tão rápido quanto haviam chegado.

— Preciso que você seja verdadeiro com relação ao que vou lhe perguntar — disse o Dr. Vilmes com a expressão fechada. — Como se eu fosse um familiar seu.

— Prezo todos os pacientes como se fossem meus familiares, excelentíssimo colega — mentiu o médico.

— Estou com câncer?

— Sim — disse o Dr. Calígula, chefe do setor de oncologia do *Hospital Nossa Senhora de Lurdes*.

— Quais são minhas chances?

— Algumas. O tumor primário de seu intestino está espalhado por seu peritônio e fígado. Não me parece que existam outros focos. O cólon direito agora está livre da doença.

Uma faca afiada e pontiaguda parecia ter penetrado o abdômen do Dr. Vilmes à medida que as palavras do Dr. Calígula iam sendo proferidas. Exatamente em seu abdômen canceroso.

— E qual seria o plano de tratamento? — perguntou ele com a voz embargada.

— Quimioterapia. Temos algumas chances de cura.

— Agradeço por sua sinceridade, Dr. Calígula — disse ele, emocionado. — Agora o senhor pode se retirar.

O Dr. Calígula estava acostumado com a reação dos pacientes diante de um diagnóstico de câncer. A maioria barganhava com relação a doença fingindo se tratar de uma mentira. E muitas vezes, nesse jogo travado com a própria *psique* para evitar o sofrimento, o médico acabava sendo o alvo principal da raiva que os pacientes sentiam de si próprios por se perceberem vulneráveis diante de uma doença grave.

Imaginou que, por se tratar de um colega acostumado a lidar com as emoções, sua reação poderia ser outra, mas a proximidade com a morte faz todo o resto parecer sem importância alguma.

— Fico à disposição para qualquer tipo de ajuda. O plano de tratamento seguirá com a nota de alta. Boa sorte nesta peleia — disse ele apertando a mão do Dr. Vilmes e desejando nunca mais precisar vê-lo novamente.